



O sumô
que não
podia engordar

Sou uma pessoa magra, esbelta, esguia e não compreendo por que, sempre que passa diante de mim, o senhor Shomintsu exclama:

– Vejo um gordo em você!

Fico louco da vida. De frente, pareço uma pele de arenque posta a secar sobre um palito de fósforo. De perfil... Nem dá para me ver de perfil, pois acho que fui concebido somente em duas dimensões e não em três; como um desenho, me falta relevo.

– Vejo um gordo em você.

Nos primeiros dias, eu nem respondia, porque não tinha confiança em mim: frequentemente eu imagino que as pessoas estão me

agredindo com suas palavras ou caras pouco amistosas até descobrir que é uma impressão errada, que eu interpretei mal, deformei, vi em sonhos.

Paranóia, eu acho que é como se chama este tipo de ilusão de repetição, sim, devo estar paranóico, além de alérgico.

– Calma, Jun, você se massacra pensando assim – eu me recrimino. Este velho babaca não pode ter dito isso.

Na terceira vez, enquanto Shomintsu se aproximava, eu tentava demonstrar que tinha as orelhas tão abertas quanto as pernas de um goleiro antes de receber um tiro de meta: preparado, sem deixar de ouvir uma palavra ou perder uma sílaba, eu interceptaria o menor rosnado que este engraçadinho me endereçasse e responderia à altura.

– Vejo um gordo em você.

– Vai se ferrar!

Agora eu estava certo que ele tinha me ouvido bem.

Mas ele, ao contrário, pareceu nem ter registrado minha resposta: simplesmente sorriu e continuou andando como se eu não tivesse dito nada.

Na manhã seguinte, parando bem na minha frente, ele quase grita como se tivesse se inspirado para falar aquelas palavras naquele instante:

– Vejo um gordo em você!

– Você tem miolo de grilo ou o quê?

Parecia que não tinha jeito! Era tiro e queda! Todos os dias, ele voltava ao mesmo mote:

– Vejo um gordo em você.

– Vai se catar!

Era mais ou menos o que eu respondia cada manhã, com as seguintes variáveis, dependendo do meu grau de exasperação: “É melhor o senhor colocar os óculos, vovô, senão vai bater com a cabeça na parede”, “Já mandei gente para o hospital por menos que isso!” ou “Vou acabar te obrigando a engolir os três dentes que te restam”.

Imperturbável, Shomintsu encolhia os ombros e continuava seu caminho, tranquilo, impenetrável aos meus insultos. Uma tartaruga. Eu tinha a impressão de conversar durante trinta segundos com uma tartaruga, de tanto que o rosto dele era enrugado, amarelado, desprovido de pelos, seus olhos minúsculos com pálpebras caídas; sim, uma tartaruga com o pes-

çoço ressecado, curvado, embaixo de um crânio pesado que sumia dentro das dobras impeccáveis de sua roupa bem passada, como uma carapaça rígida. Eu ficava me perguntando qual doença motivaria seu imutável comportamento. Seria ele cego, surdo, cretino ou covarde? Ah, com esse cara nem precisava escolher uma opção, eu fecharia com todas!

Você me diria que para me livrar dessa situação eu teria apenas que evitar aparecer toda manhã neste cruzamento; só que eu não tinha essa escolha. Aos quinze anos, é preciso ganhar o pão de cada dia. Sobretudo se não se tem mais ninguém com quem contar. Se eu não me plantasse mais na esquina da Rua Escarlata, sob a marquise de um edifício de tijolos cor-de-rosa onde se publicavam as revistas de fotonovelas mais conhecidas do Japão, um lugar estratégico situado entre a saída do metrô e o terminal de ônibus, eu não teria chance alguma de ter tantos clientes para quem oferecer minha mercadoria.

Na verdade, ele me deixava intrigado, esse senhor Shomintsu, ele mexia em algo muito frágil na minha personalidade. Ao longo do dia, havia pessoas inteligentes, bem intencio-

nadas, me bombardeando com perguntas como: “Por que um garoto dessa idade não está na escola?”, “Você não tem pais que cuidem de você? Eles morreram?”, e outras palavras sensatas, coerentes, às quais eu nunca respondia.

Ah, sim, às vezes uma outra questão aparecia: “Você não tem vergonha de vender isso?” Para este golpe, eu tinha uma resposta pronta: “Não. Eu teria vergonha de comprar”, embora eu não a tenha jamais utilizado, visto que eu não podia me arriscar a ter que sair correndo dali.

Assim, este Shomintsu que me via “gordo”, possuía a vantagem de caminhar como que desorientado, com a cabeça noutro lugar: nesta cidade de Tóquio, onde a multidão anda sempre no mesmo sentido, onde as pessoas se parecem muito, ele era diferente. Eu não diria que me era simpático, não, eu não gostava de ninguém, mas que eu o considerava um pouco menos antipático que os demais, isso sim.

É preciso dizer também que, nessa época, eu sofria de alergia. Eu era intolerante a todo mundo. Inclusive a mim mesmo. Eu sofria de alergia universal: um caso de interesse para a

medicina, se ela se detivesse sobre meu problema. Nada me atraía, tudo me repugnava, viver me provocava descontentamento, respirar me dava nos nervos, olhar ao redor me dava ganas de arrebentar o cérebro contra a parede, observar os humanos me causava náuseas, suportar suas conversas cobria minha pele de eczemas, estar próximo de sua fealdade fazia-me tremer de aflição, frequentá-los travava minha respiração; quanto a tocá-los, só de pensar, me dava ânsias de fugir. Em poucas palavras, eu organizara minha existência em função de minha doença: dera adeus à escola, não tinha amigos, cumpria meu ofício sem uma palavra, me alimentava de produtos industrializados – conservas em latas, sopas liofilizadas – eu comia isolado, escondido entre as madeiras de um canteiro de obras, e, à noite, ia me recolher em lugares desertos, frequentemente mal-cheirosos, onde acabava dormindo sozinho.

Até pensar fazia me doer a cabeça. Refletir? Inútil. Recordar? Eu evitava... Prever? Eu evitava também. Eu estava desligado do passado e do futuro. Ou, ao menos, eu imaginava isso... Sufocar minha memória não me causava pro-

blemas de tanto que ela carregava lembranças sofridas; o mais complicado era parar de sonhar com cenas prazerosas. Eu interditava meus sonhos, pois sabia que iria sofrer muito quando acordasse e descobrisse que era tudo impossível.

– Eu vejo um gordo em você.

Por quem me tomava esse maluco? Eu nem respondi. Tinha a cabeça mergulhada dentro de um mundo de tantas considerações sinistras que nem reparei em Shomintsu, sua parada, sua atenção, sua frase.

De repente, ele repetiu alto:

– Eu vejo um gordo em você.

Eu levantei os olhos. Ele percebeu que eu o ouvia e insistiu:

– Você não acredita em mim e, no entanto, eu garanto que vejo um gordo em você.

– Escute aqui, cabeção, não estou nem aí para suas provocações! Não quero falar com ninguém: não me enche! Sacou?

– Por quê?

– Eu tenho alergia.

– Alergia a quê?

– Alergia universal.

– Desde quando?

– As alergias parecem que vêm de repente, subitamente um dia você acorda e percebe que está alérgico. Bela porcaria, essa! Para mim, a alergia veio progressivamente. Não sei quando foi que começou. Tenho apenas consciência de ter sido há muito tempo.

– Eu entendo, eu entendo... – ele murmurou num tom de conhecedor.

– Não, você não entende nada! Ninguém me compreende e você, menos ainda. Tudo isso que você diz enxergar, não existe.

– Sua alergia?

– Não, imbecil; o gordo em mim!

Extenuado, eu tinha conversado mais do que em seis meses. Para acabar com ele, levantei as pernas da minha calça de abrigo.

– Olhe bem, cabeção, eu tenho os joelhos mais largos que as coxas.

Nessa época, eu me orgulhava de meus joelhos, que eram feios, desproporcionais em relação ao meu corpo. Como eu me odiava, não aceitava nada em mim que não fosse monstruoso; quase que inconscientemente, eu tinha desenvolvido um encanto pessoal às avessas pelos meus defeitos, meu raquitismo, meus joelhos canhestros e meu pomo-de-adão proeminente.

– Olha aí, gente boa, eu tenho o *look* franguinho. Articulações volumosas, nada de carne ao redor.

Shomintsu aprovou com sabedoria.

– Esta sólida consistência óssea confirma minhas intuições! – ele exclamou. – Há um gordo dormente em você! Basta acordá-lo e nutri-lo, que ele desabrochará.

– Para com isso! Eu não tenho interesse de virar gordo.

– Ah, não? Você se prefere esquelético... Ou, sem dúvida, se adora magro?

– Não estou nem aí! Não entendeu? Eu sou alérgico. Tenho alergia universal! É difícil entender o que eu estou falando?

Eu tinha falado para ouvidos surdos; mordi meus lábios para impedi-los de continuar. Por que eu me abria para esse maluco? O que estava me acontecendo? Uma crise de sinceridade? Como se a alergia crônica já não fosse merda o bastante...

Ele me ofereceu um ingresso.

– Pegue. Venha assistir ao espetáculo.

Sem pensar, eu afastei a mão dele porque experimentava uma repugnância instintiva a tudo que se me assemelhava à generosidade.

– Não.

– Você recusa e nem sabe o que lhe ofereço.

– Não quero isso.

– É pena, porque será uma competição soberba.

– Competição de quê?

– Competição de sumô. Eu dirijo uma escola de luta. Grandes campeões vão se enfrentar no sábado.

Eu desatei na gargalhada. Eu me divertia sinceramente, fartamente. Se eu tinha uma certeza, era a de que jamais iria assistir a uma luta de sumô, a pior coisa que tinha no Japão, o cúmulo dos cúmulos, o Fujiyama do horror.

– Uma montanha de toucinho de duzentos quilos com fita no cabelo, quase despido, uma faixa de seda na bunda, se mexendo sobre um ringue em círculo, não, obrigado! Não adianta apenas me dar um convite, precisaria também me pagar para que eu fosse ver dois sacos de gordura se atracando pela goela. Pagar-me caro. Muito caro!

– Quanto? Quanto? – insistiu Shomintsu. – Quanto eu preciso lhe pagar para que você assista a um campeonato de sumô?

Decidido, ele procurava o dinheiro no bol-

so. Mas não tinha jeito, esse cara! Eu respondi com uma entonação bem desagradável:

– Não insista, cabeça. Não adianta. Que tal me comprar uma mercadoria se quer me ajudar?

Eu aponte para os objetos alinhados a meus pés sobre um pano no chão de asfalto, minha razão de estar nessa esquina lotada de pedestres, embora eu fosse alérgico à humanidade. No espaço de um segundo, ele me lançou um olhar e resmungou:

– Ah, não, eu teria vergonha de comprar um negócio desses!

Aí, ele tocou no ponto certo, porque era exatamente o que eu pensava.

Deixando de lado minha proposta, ele considerou de novo o maço de notas enroladas que tinha na mão.

– Pegue aqui, olhe o que eu tenho!

Ele jogou as cédulas sobre o pano, depois depositou delicadamente a entrada; virando nos pés, foi embora.

Ele me surpreendeu tanto, que fiquei ali parado, imóvel, paralisado. Em seguida, verificando se ninguém havia presenciado a cena, abaixei, apanhei o dinheiro e guardei-o em meu

bolso. Era estranho. Eu sentia quase vergonha de ter ganhado tanto sem nenhum esforço.

Para me livrar deste sentimento desagradável, agarrei a entrada do espetáculo e a rasguei. “Não, não irei a esta luta de sumô. Não, Tartaruga, não há nenhum gordo adormecido dentro de mim. Não, vovô, o senhor não me compra.” A cada pedacinho de papel rasgado que passava por meus dedos, vinha a sensação inteira de reconquistar minha dignidade.

Nos dias seguintes, os acontecimentos se voltaram contra mim. Por necessidades de meu comércio, decidi me transferir daquele lugar, o que provocou catástrofes sucessivas. Na realidade – e isto eu só compreendi depois –, os pretextos dos quais eu me servia para me convencer a mudar escondiam uma única razão: evitar rever Shomintsu. Mal acreditava em mim...

Eu me instalara em um bairro novo e tinha arrumado minhas mercadorias na esquina de uma avenida bem movimentada.

Não demorou uma hora para que eu descobrisse que, cinquenta metros à direita, cinquenta metros à esquerda, dois homens arrumavam a seus pés produtos idênticos aos

meus. Foi só se darem conta da minha presença que eles vieram me pedir para sair dali.

– Mas por quê? – retruquei. – Vocês são donos da rua, por acaso?

– Um é bom, dois é demais, três é impossível. Você nos atrapalha, bobão!

– Eu não me incomodo nada, nada, se um de vocês for embora.

Percebendo que os concorrentes se odiavam, eu imaginei diabolicamente colocá-los em disputa, um contra o outro. Pensei mal! Pois aconteceu exatamente o contrário: os inimigos enfurecidos partiram contra o intruso. Não adiantou gritar, contra-atacar, me debater, eles acabaram por confiscar minhas mercadorias e jogaram tudo no esgoto. Eu teria continuado a bater, depois de tentar render a dupla, depenando suas mercadorias, mas percebi rapidamente que era melhor primeiro tentar recuperar a minha!

Atrás dos armazéns onde operava o tráfico de contrabando que me permitia sobreviver, eu perdi muitas horas tentando convencer meu fornecedor, um chinês com dentes de ouro que não pronunciava nunca uma frase completa, que sequer utilizava as palavras; ele se conten-

tava em enumerar as somas, apontando quem lhe devia e de quem devia receber.

Felizmente, graças ao dinheiro que Shomintsu me havia deixado, eu pude me arranjar outra vez. Entretanto, assim que a noite caiu e eu deixava a rua, quatro viaturas policiais apareceram numa blitz inesperada!

Tive um bom reflexo, embora um pouco tardio; “bom reflexo”, porque num gesto brusco, eu me desfiz de minhas caixas, para virar um pedestre passando por ali por acaso; “um pouco tarde”, porque um dos policiais teve tempo de perceber o truque. Este, o mais jovem deles, bem magro, uma cobra, que descoloria o cabelo para ficar loiro, mas como esse seu cabelo era muito resistente, ele só tinha conseguido um tom laranja, começou a vociferar como se tivesse acertado na loto.

– Ele jogou fora as caixas! Ele jogou as caixas! – ele gania, a cabeça para fora da viatura.

Quem ele pensava que era, esse aí? Ele achava que estava atuando em algum filme americano ou o quê?

Eu fiz cara de quem não entendia nada, procurando a pessoa atrás de mim a quem ele parecia se dirigir.